



UM ESTUDO HERMENÊUTICO DO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA, DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Data de recebimento: 28/03/2017

Aceite: 06/05/2017

Rubenita do NASCIMENTO (UEMS)¹

Emilio Davi SAMPAIO²

RESUMO: Este texto objetiva identificar, analisar e interpretar, de acordo com os estudos da hermenêutica, as diferentes vozes discursivas e os diálogos que se entrelaçam e estão contidos no *Sermão da Sexagésima*, do padre Antônio Vieira em relação aos textos bíblicos. Para esta proposta analítica, buscamos fundamentação teórica nos conceitos de polifonia e dialogismo de Mikhail Bakhtin e intertextualidade de Júlia Kristeva, como um caminho para a interpretação dos sentidos contextuais do Sermão. Vieira busca através da exegese conectar o texto bíblico ao ouvinte, e fazendo diálogo com outros textos torna seu discurso muito mais persuasivo. Através da análise procuramos destacar a sua importância religiosa e literária. Segundo os argumentos do padre Vieira, o entendimento da palavra de Deus está sendo deturpado por pregadores cultistas. Assim, ele busca fundamentar seus escritos em textos bíblicos, e de maneira implícita, procura conduzir o ouvinte a uma reflexão que lhe cause mudança.

Palavras-chave: Sermão. Hermenêutica. Intertextualidade. Dialogismo. Padre Vieira.

Abstract: This text aims to identify, analyze and interpret, according to the studies of hermeneutics, the different discursive voices and the dialogues that are intertwined and are contained in the "Sermão da Sextagésima", by Father Antônio Vieira in relation to the biblical texts. For this analytical proposal, we seek theoretical foundation in the concepts of polyphony and dialogism of Mikhail Bakhtin and intertextuality of Júlia Kristeva, as a way for the interpretation of the contextual senses of the Sermão. Vieira searches through exegesis to connect the biblical text to the listener, and making dialogue with other texts makes his speech much more persuasive. Through the analysis we aim to highlight its religious and literary importance. According to Father Vieira's arguments, the understanding of the word of God is being misrepresented by cultist preachers. Thus, he seeks to base his writings on biblical texts, and implicitly, seeks to lead the listener to a reflection that causes him to change.

Keywords: Sermon. Hermeneutics. Intertextuality. Dialogism. Father Vieira.

Considerações iniciais

Um sermão, de acordo com Saraiva e Lopes (1975, p. 562) "(...) desenvolve-se, como hoje, a partir do 'conceito de predicável', ou seja, um texto bíblico que se comenta de acordo

¹Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Dourados, Brasil – e-mail: rubianita_@hotmail.com

²Doutor em Letras pela UFRGS; Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da UEMS, Dourados, Brasil – e-mail: emilio@uems.br



com o tema e as teses que o orador se propõe desenvolver”. Encontramos esta proposição conceitual nos textos escritos por Vieira, entre eles o *Sermão da Sexagésima*. Assim, tendo por base noções que se reportam à polifonia, ao dialogismo (BAKHTIN) e à intertextualidade (KRISTEVA) na hermenêutica bíblica pretendemos discorrer a seguir um estudo interpretativo sobre o sermão em referência.

O *Sermão da Sexagésima* de padre Antônio Vieira é uma obra que demonstra que o discurso é um reflexo de diversas vozes e contextos, sócio-político, econômico, ideológico e religioso. O sermão constitui verdadeiro paradigma teórico do procedimento discursivo de Vieira. Nele, o autor usa do exercício da metalinguagem, ou seja, usa o gênero textual “sermão” para explicar o significado próprio de um sermão.

Este estudo foi desenvolvido, principalmente, segundo as propostas teóricas de Bakhtin (2014), quando o autor se reporta ao dialogismo discursivo. O tema central do desenvolvimento analítico procura investigar como o *Sermão da Sexagésima* investe em textos e conhecimentos bíblicos. Diante disto, percebemos quão difícil é ser original, pois tudo que se expressa em qualquer tempo ecoa em algo que já foi dito, ou seja, forma-se, com isso, um intertexto.

A partir das leituras temáticas que tratam do assunto, compusemos um tópico que trata da vida e da obra de padre Antônio Vieira, que era um homem do seu tempo, o símbolo perfeito do movimento Barroco. Segundo Moisés (2008), Vieira era orador eloquente e culto, trabalhava em prol da catequese e conversão dos indígenas no Brasil. Pensou sobre diversas questões críticas de seu tempo, procurava ser correto e coerente em suas obras de ação mental e política.

2 Padre Antônio Vieira: vida e obra

Padre Antônio Vieira nasceu em Lisboa, em 06 de fevereiro de 1608. Veio para o Brasil e foi estudar no Colégio dos Jesuítas, em Salvador, onde fez o noviciado, recebendo ordens sacerdotais em 1635. Vieira, profundamente influenciado pelos ideais da Contrarreforma, alimentou o sonho de um poderoso império português e católico que triunfasse sobre a Terra, porém seus sonhos fracassaram. Acusado de ligações heréticas com o sebastianismo e de defender os cristãos-novos (judeus convertidos ao cristianismo), foi preso por dois anos pela Inquisição, e foi proibido de pregar em Portugal. Padre Antônio Vieira era um homem do seu tempo, o símbolo perfeito do movimento Barroco. (MOISÉS, 2008).



No Brasil, ele usa seus sermões a serviço das causas que abraçava e defendia. Pregou a índios, brancos e negros, a brasileiros, africanos e portugueses, a dominadores e dominados, sempre em favor da colônia de Portugal (CEREJA, 1991). A maior parte da obra de Vieira foi escrita no Brasil. Até certo ponto, sua postura e obra apresentam certa contradição, embora defendesse os índios da escravidão, seus sermões não tinham a mesma postura em relação à escravização dos negros. Limitavam-se a descrever a situação a que eram submetidos os negros e apontar-lhes a perspectiva de uma vida pós-morte que compensasse os sofrimentos em vida.

Segundo Lins (s/d), Vieira se apoiava em Aristóteles, e tinha horror às verdades impostas, por isso pensava por conta própria, o que resultou foi que ele, um inaciano, educado nos *Exercícios Espirituais*, fosse o mais corajoso advogado dos judeus e o mais abnegado defensor dos índios escravizados (LINS, S/D).

De acordo com Pécora (1999), Vieira propõe conceitos morais que vão ao encontro às virtudes pregadas pelo cristianismo, como uma maneira de convencer o mundo até o ponto de sua completa conversão para o evangelho.

A arte de pregar de Vieira foi eficaz, porque conforme Melo (2005), na sua exposição doutrinária ele subordina a arte de pregar a sua experiência eclesial evangélica, “confirmando seu desempenho como visionário e político em um projeto de ação missionária permanente”. (MELO, 2005, p. 95). Diante disso, podemos perceber que Vieira era um homem preocupado com os problemas de sua época, tanto sociais quanto religiosos.

Segundo Cereja (1991), podemos dividir a obra de Padre Antônio Vieira em: Profecias: constituintes de três obras: História do futuro, Esperanças de Portugal e Clavis prophetarum; Cartas: são cerca de 500 cartas, que tratam de assuntos sobre a relação de Portugal e Holanda, a Inquisição e os cristãos-novos. São tidos como documentos históricos importantes, já que tratam das diversas situações sócio-políticas da época; e, Sermões: são aproximadamente 200 sermões, com estilo barroco conceptista, que trata o assunto de maneira racional, lógica e utiliza retórica aprimorada. Um dos seus sermões mais conhecidos é o *Sermão da Sexagésima*, que apresenta um exercício intelectual baseado na metalinguagem, uma vez que apresenta como tema a própria arte de pregar:

Ecce exiit qui seminat, seminare. Diz Cristo que "saiu o pregador evangélico a semear" a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus ao só fazer menção do semear, mas também faz caso do sair: *Exiit*, porque no dia da messe hão-nos de medir a semente e hão-nos de contar os passos. (...) Entre



os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair, são os que se contentam com pregar na Pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a semeadura; aos que vão buscar a seara tão longe, hão-lhes de medir a semeadura e hão-lhes de contar os passos. Ah Dia do Juízo! Ah pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com mais paço; os de lá, com mais passos: (VIEIRA, 2016, p. 01)

O estilo de Vieira era conceptista e seus argumentos se centravam na razão, no intelecto e convencia pelo exercício do raciocínio, sem prejudicar os sentidos. Segundo Azeredo (2013, p. 478)), podemos conceituar estilo como: “o conjunto dos traços de linguagem que conferem uma expressão distintiva e peculiar aos textos de um autor, de uma época, de uma tendência estética ou de um dado gênero de composição”.

Vieira fazia críticas ao cultismo, no entanto, ele faz uso do cultismo “paço e passos”, com o fim de persuadir o ouvinte e refinar alguns sermões com esse recurso verbal. E isso não chega a ser uma contradição quando ele usa o cultismo, pois o que criticava era o exagero da ornamentação e do abuso das figuras de linguagem.

3 O sermão, o pregador e a palavra no sermão da sexagésima

O Sermão, segundo Almeida (2008), tem como objetivo propagar e edificar a fé religiosa, que busca a mudança do ouvinte; é uma modalidade literária que faz parte da oratória, “empreendendo os recursos verbais com o objetivo de ensinar, persuadir e comover”. (ALMEIDA, 2008, p. 9).

De acordo com Abdala Júnior e Paschoalin (1994, p. 56):

O sermão se desenvolve a partir de um texto bíblico: ao autor cabe a função de comentar, desenvolver, decifrar o mistério contido no tema. Esse tema é isolado do contexto. Ele escolhe um fragmento que é considerado na sua particularidade. Disso ele estabelece comentários desde a etimologia das palavras, até os vários significados dos termos, as oposições entre sinônimos e antônimos, número de sílabas etc. Esse trabalho formal é a procura dos mistérios contidos no texto.

Vieira usa com muita segurança textos bíblicos e teológicos, para confirmar seus argumentos e garantir que o ouvinte seja convencido com seu discurso. Com isso pode-se



afirmar que: “Assim, – por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas opiniões”. (KOCH, 2002, p. 19).

Fiorin (1990, p. 177), ao se reportar a esta questão, assim se expressa:

O discurso deve ser visto como objeto linguístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam. Esses dois pontos de vista não são excludentes nem metodologicamente heterogêneos. A pesquisa hoje precisa aprofundar o conhecimento dos mecanismos sintáticos e semânticos geradores de sentido; de outro, necessita compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos.

Objetivando fundamentar nossa proposta analítica discutiremos os conceitos de polifonia e de intertextualidade como um caminho para a interpretação do(s) sentido(s) do Sermão em estudo. O termo intertextualidade foi proclamado pela primeira vez por Julia Kristeva, quanto esta autora interpretava os estudos de Bakhtin. Para Kristeva (2005, p. 66) “[...] a *palavra literária* não é um *ponto* (um sentido fixo), mas um *cruzamento de superfícies* textuais, um diálogo de diversas escrituras”.

Com essa noção, a autora possibilitou que outros pesquisadores pudessem elaborar novas formas de pensar a criação literária e suas relações, principalmente as conexões textuais entre os diversos textos. A autora, apoiando-se nos estudos de Bakhtin, afirma o seguinte:

Mas essa falta de rigor é, antes, uma descoberta que Bakhtin foi o primeiro a introduzir na teoria literária: todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de *intersubjetividade*, instala-se a de intertextualidade, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla. (KRISTEVA, 2005, p. 68)

Ainda em relação a esse assunto, Koch afirma que a intertextualidade é elemento constitutivo e constituinte do processo da escrita e da leitura, é quando a produção e a recepção de um texto recorrem ao conhecimento de outros textos, por meio da palavra já dita. A autora postula que:



Em sentido amplo, a intertextualidade se faz presente em todo e qualquer texto, como componente decisivo de suas condições de produção. Isto é, ela é condição mesma da existência de textos, já que há sempre um já-dito, prévio a todo dizer. Segundo J. Kristeva, criadora do termo, todo texto é um mosaico de citações de outros dizeres que o antecederam e lhe deram origem. (KOCH, 2002, p. 86)

Nessa mesma linha de raciocínio, Bakhtin (2014) considera a palavra como um fenômeno ideológico, que exercendo a função de signo, reflete e refrata a realidade. A realidade é o que se mostra aos nossos olhos, é o que está presente diante de nós, portanto tudo o que vemos são signos que nos representam algo dialético.

Ainda, segundo Bakhtin, a palavra é o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana do ser humano. É justamente nesse domínio que a conversação e suas formas discursivas se situam. De acordo com Bakhtin (2014, p. 42):

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma que ainda não abriam caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados.

Nesse sentido, observa-se que Vieira postula no *Sermão da Sexagésima* que os apóstolos iam pregar, levando a palavra, a todas as nações do mundo e nelas haviam de achar homens de todas as espécies, por isso era necessário adequar os discursos ao momento do ato da fala e do contexto. De acordo com Cereja (1991), Vieira pregou a índios, brancos e negros, a brasileiros, judeus, africanos e portugueses, a dominadores e dominados. Ou seja, ele confronta valores sociais, conflitos de língua e diferenças de classes, mas os fazia com perspicácia e inteligência, procurando adequar seu discurso ao contexto e ao momento em que pregava.

Conforme Bakhtin (2014), o dialogismo se realiza através de todas as atividades de linguagem, e é o que vivenciamos no *Sermão da Sexagésima*, um diálogo permanente entre o sermão e as passagens bíblicas, citadas pelo Padre Vieira. Ele vai construído seu discurso conforme seu conhecimento de mundo, sua forma de vida, seu contexto histórico-social, alicerçado na concepção do dialogismo. Conforme Almeida (2009, p. 09):

O discurso de Vieira, normalmente proferido do púlpito, a partir do texto bíblico, pretende conter a verdade de uma tradição compartilhada. Exemplo



de sedução e argumentação, de um árduo e incessante trabalho com a linguagem, o sermão – veículo dotado de regras próprias, com reconhecida tradição – dirige-se a um auditório particular, numa circunstância conjuntural precisa, em determinada situação.

Sendo assim, o reconhecimento das diversas vozes discursivas que se fazem representar nos textos, de modo direto ou indireto, permite que o ouvinte seja sujeito de sua recepção, estabelecendo um diálogo produtivo com os sermões. Neles, constata-se que estão recheados de conhecimentos já ditos, sendo assim, o pregador procura encaixar esses conhecimentos no seu contexto enunciativo. Vieira, de maneira singular, e com uma linguagem persuasiva, utiliza-se de textos bíblicos a fim de harmonizar, dentro do discurso, seu pensamento e sua ideologia.

4 O sermão da sexagésima: considerações hermenêuticas

É preciso, em primeiro lugar, lembrar que *O Sermão da Sexagésima* (Sexagésima porque faltavam sessenta dias para a Páscoa) foi pregado na Capela Real de Lisboa, em 1655, a um auditório constituído por pregadores dominicanos, adversários filosóficos dos pregadores jesuítas. O objetivo principal do sermão, segundo Haddad (1963), era atingir os provisoros do Santo Ofício, que tanto perseguiram o próprio Vieira, e eram pregadores de estilo rebuscado e complexo, o que dificultava o entendimento por parte dos ouvintes. Ele utilizou a parábola do Semeador (S. Lucas 8.4-15) como crítica aos pregadores da época.

Vieira aborda a questão da comedia nos púlpitos, ele crítica àqueles que só estão preocupados com o cultismo. Segundo Pécora (1999), os dominicanos aplicavam a retórica cultista nos sermões com um projeto teológico e de salvação. Para Vieira, o sermão devia ser profundo de modo que todos entendessem, coisa que o estilo “culto” não fazia, segundo ele.

O sermão possui dez capítulos e trata da arte de pregar. Padre Vieira inicia o texto motivando os ouvintes a ouvir o evangelho: “Ouçamos o Evangelho, e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que me *levou e trouxe* de tão longe”. (VIEIRA, 2016, p. 01). Em seguida, faz menção ao ato de semear e pregar: “Diz Cristo que ‘saiu o pregador evangélico a semear’ a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas também faz caso do sair” (VIEIRA, 2016, p. 01). O sermão faz intertextualidade com a parábola



do Semeador do evangelho de S. Lucas, e tem função conativa, ou seja, influenciar e persuadir o ouvinte:

Um semeador *saiu* a semear a sua semente e, quando semeava, caiu alguma junto do caminho, e foi pisada, e as aves do céu a comeram; E outra caiu sobre pedra e, nascida, secou-se, pois que não tinha umidade; E outra caiu entre espinhos e crescendo com ela os espinhos, a sufocaram; E outra caiu em boa terra, e, nascida, produziu fruto, a cento por um. (LUCAS, 8:5-8).

Observamos o que Vieira diz no *Sermão da Sexagésima* (p. 01): “Para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque também das passadas colhe fruto. Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair”. Apesar de, na verdade, estar fazendo uma crítica aos que ficam e pregam na Corte, como os dominicanos da Inquisição, conforme Ivan Lins (s/d), essa voz nos lembra o que a Bíblia nos relata sobre os discípulos de Cristo. João Batista, ao ver Jesus disse: “Eis o cordeiro de Deus!” (S. João 1.34). E dois dos seus discípulos ouvindo isto seguiram a Jesus, um destes era André, que levou a Jesus, Simão Pedro. Jesus chamou Felipe que o levou a Natanael (S. João 1.36 a 45). O texto faz diálogo com o discurso de Vieira com respeito aos que semeiam sem sair, de maneira positiva, pois ao ouvirem de Jesus, ali mesmo (entre amigos e familiares) testemunharam sem precisar sair da cidade, e fizeram frutos.

Diante da grande comissão em que Cristo disse: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc.16.15), o mandamento de Cristo é sair para alcançar os que estão longe e não somente os que estão perto. O padre discursa sobre a questão do pregar a toda espécie de criatura, e o que sucederia ao semeador nessa jornada, já que encontraria os que iriam crer no evangelho, nesse caso a boa terra e os que não iriam crer ou seja as pedras, espinhos e mesmo o diabo:

Porque como os Apóstolos iam pregar a todas as nações do Mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam de achar os homens degenerados em todas as espécies de criaturas: haviam de achar homens homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras. (VIEIRA, 2016, p. 03)

O Apóstolo S. Paulo em (2 Coríntios 4.8-18), relata as perseguições que sofria por causa do evangelho de Jesus. O apóstolo Paulo também conhecido como “Saulo de Tarso”, era



apóstolo e evangelista (Apóstolo significa "enviado"). Por isso, o apóstolo Paulo estava sempre indo evangelizar. Ninguém influenciou tanto a expansão do cristianismo quanto Paulo. Ele liderou viagens missionárias, foi apedrejado, perseguido e preso por causa do evangelho. Dialogando com o texto escrito pelo apóstolo Paulo no (v. 11) que diz: “[...]somos a toda hora entregues à morte por causa de Jesus”, (v. 12), “Assim em nós opera a morte e em vós a vida”, (v. 17) “A nossa presente tribulação [...] nos proporciona um peso de glória incomensurável”. Padre Vieira argumenta, fazendo um intertexto com a voz do apóstolo:

Não me queixo nem o digo, Senhor, pelos semeadores; só pela seara o digo, só pela seara o sinto. Para os semeadores, isto são glórias: mirrados sim, mas por amor de vós mirrados; afogados sim, mas por amor de vós afogados; comidos sim, mas por amor de vós comidos; pisados e perseguidos sim, mas por amor de vós perseguidos e pisados. (VIEIRA, 2016, p. 04)

No trecho: “Se a palavra de Deus é tão eficaz e tão poderosa, como vemos tão pouco fruto da palavra de Deus?” (VIEIRA, 2016, p. 05), Vieira questiona o auditório: o porquê de a palavra de Deus “fazer pouco fruto”. Em seguida, o padre isenta Deus de qualquer culpa, pois o seu poder de germinação é espantoso, convence também que a culpa não é do ouvinte, porque ela nasce em todos os solos, então a culpa recai sobre o pregador.

Vieira segue argumentando o porquê de a culpa não ser de Deus. Porque a palavra de Deus tem o poder de converter qualquer tipo de ouvinte. Segundo o evangelho de (Mt.5. 45) Deus dá o seu sol e a sua chuva a justos e injustos, logo Deus dá a oportunidade a todos, mas conforme (Mc.16.16) somente os que crerem serão salvos.

Usando suas técnicas de oratória, Vieira argumenta que a culpa também não é do ouvinte, pois o trigo que caiu nos espinhos e pedras nasceram: “De maneira que o trigo que caiu na boa terra, nasceu frutificou; o trigo que caiu na má terra, não frutificou, mas nasceu; porque a palavra de Deus é tão fecunda, que nos bons faz muito fruto e é tão eficaz que nos maus, ainda que não faça fruto, faz efeito[...]” e “[...] mas virá tempo em que essas mesmas pedras o aclamem e esses mesmos espinhos o coroem” (VIEIRA, 2016, p. 08 e 09).

De acordo com Vieira, no *Sermão da Sexagésima*, o pregador é o espelho, e a luz que é Deus tem que refletir nesse espelho para que o ouvinte que são os olhos vejam e creem. Observamos que há uma intertextualidade quando na epístola de (S. Tiago 1.23-24), o texto diz que aquele que contempla o seu rosto num espelho, seu rosto natural, e se retira, e logo esquece o que viu, compara-se ao que ouve o pregador da palavra, e até reconhece os seus vícios, mas



não a considera atentamente para praticar, como quando a semente cai na beira do caminho, esses “são os que ouviram; vem, a seguir, o diabo e arrebatá-los do coração” (Lucas: 11-15).

Vieira argumenta que os olhos, que é o ouvinte, não estão vendo no espelho que é o pregador, a luz que é Deus, pois as palavras do pregador são palavras somente e não são palavras de Deus, pois a verdadeira palavra causa conversão. Para termos noção do que é o poder da luz de Deus refletindo no pregador, Vieira faz um diálogo com o episódio em que Deus endureceu o coração do Faraó (Êxodo, 7.13). Na passagem bíblica, Moisés foi até o Faraó para lhe pedir que deixasse o povo de Israel sair do Egito. Mas, a luz de Deus era tão forte na vida de Moisés que era necessário o próprio Deus endurecer o coração do Faraó para que ele não deixasse o povo ir, já que quando Deus não endurecia o coração do Faraó ele deixava o povo ir, dessa forma então Deus mostraria o seu poder naquela terra, através das dez pragas. No sermão, Vieira atesta: “[...] é tanta a força da divina palavra, que, apesar da agudeza, nasce nos espinhos, e apesar da dureza nasce nas pedras” (VIEIRA, 2016, p. 09)

Sendo assim, perguntamos: Onde estão os frutos? Já que as sementes de qualidade são as mais frutíferas, então prova que a semente semeada muitas vezes não é a genuína semente de Deus, mas falsas doutrinas e o mau exemplo dos pregadores: “Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obra são tiros sem bala; atroam, mas não ferem”. (VIEIRA, 2016, p.10). Comparamos com a passagem de (Tiago 2.17): “Assim também a fé: se não tiver obras, é morta em si mesma”. Notamos aqui uma situação dialógica com o texto de Tiago, recuperado por Vieira em seu sermão.

Assim como foi dito por Vieira no seu sermão, em relação ao ato de pregar e a quem pregar, encontramos na Bíblia o episódio de Jonas que não queria pregar aos ninivitas, pois não desejava que a semente nascesse em seus corações, já que eles eram grandes inimigos de Israel. Ele receava que sua semente produzisse efeito e o povo se arrependesse e Deus os perdoasse (Jonas 4.2), por isso fugiu para Tarsis, mas Deus providenciou para que ele fosse a Nínive pregar (Jonas 1.3 e 3.3) e Nínive se arrependeu com sua pregação e Deus salvou tanto homens como os animais daquela cidade (Jonas 4.11).

Por outro lado, ele elogia o estilo do mais antigo pregador do mundo, (VIEIRA, 2016, p.14): “O mais antigo pregador que houve no Mundo foi o céu”. Fazendo a intertextualidade com o texto bíblico que se encontra em (Salmo 18.2): “Narram os céus a glória de Deus. E o firmamento anuncia a obra de suas mãos”. Na exegese de Vieira: “As palavras são as estrelas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas. Vede como diz o estilo de



pregar do céu, com o estilo que Cristo ensinou na terra. Um e outro é semear; a terra semeada de trigo, o céu semeado de estrelas”. (VIEIRA, 2016, p.14)

Com relação ao entendimento dos ouvintes, observamos que a crítica aos pregadores é ferrenha quando o padre afirma e ao mesmo tempo questiona: “É possível que somos portugueses e havemos de ouvir um pregador em português e não havemos de entender o que diz?!” (VIEIRA, 2016, p. 15). Com o exposto, percebe-se que esses pregadores estavam usando enigmas para se referir aos santos e aos personagens bíblicos: “*O Ceptro Penitente* dizem que é David, como se todos os ceptros não foram penitência; o *Evangelista Apeles*, que é S. Lucas; o *Favo de Claraval*, S. Bernardo; a *Águia de África*, Santo Agostinho...” (VIEIRA, 2016, p.15). Ou seja, os pregadores não estavam preocupados se o ouvinte entendia a mensagem ou não. Já o apóstolo Paulo preocupava-se com o ouvinte que discursava em (1 coríntios 9. 22): “Fiz-me fraco para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, a fim de salvar a todos”. A preocupação do Apóstolo era se fazer entender.

O (Salmo 126. 6) acrescenta: “Quem sai andando e chorando enquanto semeia, voltará com alegria, trazendo os seus feixes”. A alegria do pregador é as almas, o semeador da parábola não desprezou a semente, plantou e produziu, devolvendo a Deus as sementes em forma de frutos. Sabemos que a Bíblia contém ensinamentos sobre e para a humanidade, e que a parábola do semeador sempre será atual, pois a humanidade é a mesma desde o gênese, porque seu pecado é original, só muda o tempo e os modos de cometê-los, o que fará a diferença é o pregador pregar o verdadeiro Evangelho. Para Vieira (p. 17):

O Assim há-de ser o sermão: há-de ter raízes fortes e sólidas, porque há-de ser fundado no Evangelho; há-de ter um tronco, porque há-de ter um só assunto e tratar uma só matéria; deste tronco hão-de nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da mesma matéria e continuados nela; estes ramos não hão-de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hão-de ser vestidos e ornados de palavras. Há-de ter esta árvore varas, que são a repreensão dos vícios; há-de ter flores, que são as sentenças; e por remate de tudo isto, há-de ter frutos, que é o fruto e o fim a que se há-de ordenar o sermão.

“O sermão há-de ter um só assunto e uma só matéria. Por isso Cristo disse que o lavrador do Evangelho não semeara muitos géneros de sementes, senão uma só” (VIEIRA, p.16). Vieira menciona que o sermão “há-de ter um tronco, porque há-de ter um só assunto e tratar uma só matéria.” (VIEIRA, p. 16). Atentando-se para a questão do intertexto, no livro de



(Levítico 19.19) nós encontramos as mesmas vozes, pois a lei proibia semear o campo com diversas sementes, ou seja, grãos de espécie diferentes não devia se misturar, assim como o sermão não devia tratar de vários assuntos ao mesmo tempo. Vieira argumenta:

Se o lavrador semeara primeiro trigo, e sobre o trigo semeara centeio, e sobre o centeio semeara milho grosso e miúdo, e sobre o milho semeara cevada, que havia de nascer? – Uma mata brava, uma confusão verde. Eis aqui o que acontece aos sermões deste género. Como semeiam tanta variedade, não podem colher coisa certa. (VIEIRA, 2016, p.16)

Sendo assim, o pregador deve pregar somente a palavra, seja ela agradável ou não. As sementes diferentes deveriam ser lançadas em lugares separados (Deuteronômio. 22.9). Isto quer dizer que a palavra de Deus é diferente de conceitos humanos: “O pregador há-de pregar o seu e não o alheio” (VIEIRA, 2016, p. 18). A crítica aqui é quanto ao plágio, uma das razões da pregação não dar fruto, pois os pregadores tomavam posse das ideias alheias as quais Vieira (2016, p. 18) combate: “Com as armas alheias ninguém pode vencer, ainda que seja David. As armas de Saul só servem a Saul, e as de David a David”; fazendo referência a passagem de (I Samuel 17. 38-40), onde Davi se negou a enfrentar o gigante Golias com as armas de Saul.

Vieira argumenta sobre outra razão de a palavra não fazer fruto. Havia entre os pregadores uma manipulação da palavra de Deus, “– É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus” (VIEIRA, 2016, p. 23). Ele continua dando ênfase ao assunto: “As palavras de Deus, pregadas no sentido em que Deus as disse, são palavras de Deus; mas pregadas no sentido que nós queremos, não são palavras de Deus, antes podem ser palavras do Demônio” (VIEIRA, 2016, p.23). Ou seja, não pregavam a palavra de Deus, mas sim doutrinas e conceitos humanos. O padre relata sobre a tentação de Cristo que se encontra no evangelho de (Mateus 4.1-11), exemplificando, que, quando a palavra de Deus é usada por Jesus ela é usada em seu verdadeiro sentido, quando é usada pelo Diabo é palavra do demônio pois é alheia e distorcida.

Outro diálogo que observamos sobre o mesmo assunto encontra-se em (Gêneses 3. 1-7), onde a serpente distorce a palavra que Deus dissera à Adão e Eva com respeito ao comerem do fruto da árvore que estava no meio do jardim do Éden, e com isso deixando de dar ouvido a voz de Deus, para ouvir a serpente ambos caem em tentação, pois a voz da serpente era voz do demônio.



No Sermão, Vieira (2016, p. 25) aponta: “Quantas vezes ouço dizer que dizeis o que nunca dissestes! Quantas vezes ouço dizer que são palavras vossas, o que são imaginações minhas, (...) Que muito logo que as nossas imaginações e as nossas vaidades e as nossas fábulas não tenham a eficácia de palavra de Deus!” Este texto dialoga com o que o apóstolo S. Paulo diz que nos fins dos tempos os homens, “... não suportarão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; E desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas” (2 Tm. 4.3,4).

De acordo com Vieira (2016, p. 27), a doutrina que os homens desprezam é a doutrina que o diabo teme, pois os conceitos humanos e sutilezas que os homens estimam, dessas o diabo não teme, porque sabe que essas não lhe tirarão das garras as almas. Este texto faz referência com outros textos bíblicos como: (Mateus 12.22) quando Jesus que é o filho de Deus, segundo as escrituras, pregava a respeito do reino dos céus, era desprezado pelos fariseus, logo a doutrina que eles desprezavam era a que o diabo temia, pois, Jesus libertou muitos endemoninhados. Jesus Cristo pregava o evangelho da salvação (Lucas 19.10) e os fariseus da condenação (Mateus 12.7).

Ao final, Vieira termina seu texto afirmando que se o sermão não for verdadeiro não haverá mudanças e com isso jamais dará fruto:

A pregação que frutifica, a pregação que aproveita, não é aquela que dá gosto ao ouvinte, é aquela que lhe dá pena. Quando o ouvinte a cada palavra do pregador treme; quando cada palavra do pregador é um torcedor para o coração do ouvinte; quando o ouvinte vai do sermão para casa confuso e atônito, sem saber parte de si, então é a pregação qual convém, então se pode esperar que faça fruto. (VIEIRA, p. 28)

Com isso, certamente o padre consegue alcançar seus objetivos doutrinários. Assim, o autor do sermão segue: “Semeadores do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões: não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si” (VIEIRA, 2016, p. 29). Observamos que o padre traz aqui a mesma ideia do início do sermão: “E se quisesse Deus que este tão ilustre e tão numeroso auditório saísse hoje tão desenganado da pregação, como vem enganado com o pregador”! (VIEIRA, 2016, p. 01). Vieira deixa bem claro seu argumento fazendo um diálogo com o texto de (Gálatas 1.10), onde o apóstolo Paulo atesta: “Se quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo”.

Vieira alerta os pregadores no sentido da arte de pregar:



Preguemos e armemo-nos todos contra os pecados, contra as soberbas, contra os ódios, contra as ambições, contra as invejas, contra as cobiças, contra as sensualidades. Veja o Céu que ainda tem na terra quem se põe da sua parte. Saiba o Inferno que ainda há na terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deus, e saiba a mesma terra que ainda está em estado de reverdecer e dar muito fruto. (VIEIRA, 2016, p. 29)

Corroborando o assunto exposto, nessa mesma linha de pensamento, de acordo com a Bíblia nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, o próprio Cristo não agradou quando pregou para determinadas classes sociais. Jesus semeou de várias maneiras, ele semeou onde ninguém semearia. Na época, os samaritanos eram odiados pelos judeus. No entanto, Jesus semeou no coração da samaritana a sua palavra, ele quebrou paradigmas quando não teve preconceito por ela ser samaritana e ainda mulher, aliás ele quebrou os preconceitos quando na sua ressurreição deu a missão às mulheres de semear a sua ressurreição entre os discípulos. Observamos que Cristo semeou a palavra no coração de Zaqueu, um cobrador de impostos, que era um corrupto; a semente foi tão eficaz que ele se converteu e devolveu o que usurpara e ainda doou aos pobres metade dos seus bens.

Diante destas constatações, podemos afirmar que o *Sermão da Sexagésima* é um sermão repleto de intertextualidade, em especial, faz isso com a Bíblia Sagrada, que é a base usada por Vieira para o desenvolvimento do seu sermão. O texto é riquíssimo e está a espera de mais pesquisadores para estudá-lo, pois o mesmo pode ser abordando e interpretado de diversas maneiras.

Com isso posto, conforme já dissemos anteriormente, a análise intertextual desse trabalho constitui-se da exegese dos textos bíblicos em diálogo com o sermão da Sexagésima, tendo orientação conceitual nos fundamentos da teoria da linguagem de Bakhtin e de Kristeva. Isto nos permitiu desenvolver nossos estudos para melhor organizarmos nossas ideias no sentido de entendermos com mais propriedade os diálogos e as vozes contidas no próprio sermão.

Por fim, analisando o discurso de padre Vieira, de forma hermenêutica, e em sua expressão polifônica e intertextual, percebemos que a proposta doutrinária pregada por ele está, em sua maior parte, em consonância com a dos Apóstolos, pois por diversas vezes percebemos em seu texto vozes dos conhecimentos discursivos dos mesmos para fundamentar, discutir ou



exemplificar seus escritos. A grande lição do sermão é que o pregador pregue realmente a verdadeira palavra de Deus e que a palavra cause mudança no ouvinte.

Referências Bibliográficas

ABDALA JÚNIOR, B. & PASCOALIN, M. A. **História Social da Literatura Portuguesa**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1994.

ALMEIDA, M. J. **A persuasão nas crônicas de Lya Luft escritas na coluna “Ponto de Vista” para a revista Veja**. Caderno Seminal Digital Ano 17, nº 16, V. 16 (Jul.- Dez/2011) – ISSN 1806 -9142. Santo André, 2009.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 16 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais, mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. 32ª edição. Edição Clarentiana, 1981.

CEREJA, W. R. **Panorama da literatura portuguesa**. São Paulo: Atual, 1991.

FIORIN, J. L. Tendências da análise do discurso. Estudos Lingüísticos, v.19. In: GREGOLIN, M. R. V. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. São Paulo: Alfa, 1995.

HADDAD, J. A. **Os sermões**. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

KOCH, I. **Argumentação e Linguagem**. 7ª. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LINS, I. **Sermões e Cartas do Padre Antônio Vieira**. Ediouro Publicações, s/d.

MELO, S. **Argumentação e persuasão: “O Sermão da Sexagésima” do Padre Antônio Vieira**. 137. (2005). Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP.

MOISES, M. **A Literatura Portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008

PÉCORA, A. **Política do Céu (Anti-Maquiavel)**. In: NOVAES, Adauto. (Org.). **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SARAIVA, A. J.; LOPES, O. **História da literatura portuguesa**. 8.ed. Porto: Editora Porto, 1975.



SILVEIRA, F. M; MONGELLI, L. M. M.; CUNHA, M. H. R.; direção: MASSAUD, M.. **A literatura portuguesa em perspectiva**. São Paulo: Atlas, 1993.

VIEIRA, A. **Sermão da Sexagésima**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vieira-antonio-sermao-sexagesima.pdf>. Acesso em 29 de nov. 2016.